



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
INSTITUTO DE MÚSICA**

ANDRÉA DOS SANTOS DE JESUS

**O PAPEL DA MÚSICA NA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA EUCARÍSTICA
A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II**

**SALVADOR
2014**

ANDRÉA DOS SANTOS DE JESUS

**O PAPEL DA MÚSICA NA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA
EUCARÍSTICA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II**

Trabalho de Conclusão de Curso, para a
obtenção do título de Licenciado em Música, no
curso de Licenciatura em Música do Instituto de
Música da Universidade Católica do Salvador –
IMUCSAL.

Orientador: Professor Paulo Afonso Batista dos
Santos

**SALVADOR
2014**

ANDRÉA DOS SANTOS DE JESUS

**O PAPEL DA MÚSICA NA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA
EUCARÍSTICA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II**

Trabalho de Conclusão do Curso, aprovado pela banca examinadora para a obtenção do título de Licenciado em Música, no curso de Licenciatura em Música do Instituto de Música da Universidade Católica do Salvador - IMUCSAL

Aprovado em _____, _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Paulo Afonso B. Santos – UCSAL - Orientador

Prof. Helio Clovis Rabelo Bastos – UCSAL

Prof. . Josenira Barbosa – UCSAL

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus em primeiro lugar por ter me concedido esta graça, ao Instituto das Irmãs Terciarias Franciscanas Regulares por ter dado esta oportunidade para ser uma musicista licenciada e a todos que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especialmente:

A Deus, a quem me consagrei e a Ele devo toda a minha vida.

A minha família religiosa das Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares e em especial as irmãs que contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

A meus pais e irmãos queridos por toda força, agradeço de coração pelo o que vocês me deram, por me ensinar a amar Deus criador de todas as coisas, obrigada pela educação que foi transmitida a mim e a meus irmãos.

Ao orientador Prof. Paulo Afonso que teve um papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Aos demais professores Hélio Bastos e Josenira Barbosa pela contribuição ao participarem da banca avaliadora e aos demais professores que estiveram sempre perto para nos ajudar nestes três anos de formação acadêmica.

A meus amigos universitários pela troca de conhecimentos e convivências, foi muito bom conhecer vocês.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Metodologia	7
3. Concílio Vaticano II	8
4. Celebração Litúrgica	10
5. A música e o seu tempo litúrgico	12
5.1. A escolha de músicas em cada Tempo Litúrgico	14
5.2. Como são divididas as músicas da celebração Eucarística	17
6. A música na Celebração	19
6.1. Formação litúrgico-musical para os que atuam na celebração	22
7. Resultados das entrevistas	24
8. Considerações finais	34
9. Referências	36

PAPEL DA MÚSICA NA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA EUCARÍSTICA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Andréa dos Santos de Jesus
Paulo Afonso Batista dos Santos

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever o papel que a música tem na celebração Litúrgica Eucarística a partir do Concílio Vaticano II. O Concílio Vaticano II foi celebrado pela Igreja Católica onde ocorreu uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965 para robustecer sua fé com forças renovadas e organizar melhor a vida da Igreja. A música na celebração Litúrgica Eucarística tem como papel principal a glorificação de Deus e santificação dos fieis. E para bem celebrar esta pesquisa trouxe algumas informações para uma formação litúrgico-musical e critérios que o músico precisa ter para escolha de cantos, conforme o tempo litúrgico para assim compreender o que de fato é cantar a missa e não cantar na missa. A escolha deste tema a cerca da música litúrgica, partiu da necessidade de obter uma clareza por parte das pessoas envolvidas na celebração Eucarística, para entender melhor o valor e a natureza própria do canto litúrgico. Este artigo decorre de uma pesquisa de natureza qualitativa e explicativa com base em documentos da Igreja sobre a música litúrgica. Para obter algumas respostas e resultados sobre o tema, foram realizadas entrevistas com três pessoas envolvidas nas celebrações litúrgicas com formação e perfil diferentes e que trouxeram informações importantes para a realização desse trabalho.

Palavras chave: Música Litúrgica, Liturgia, Concílio Vaticano II.

1. Introdução

O Concílio Vaticano II foi celebrado pela Igreja Católica, como seu 21º Concílio Ecumênico, contemplando Cristo, “luz para a revelação a todas as gentes”, para robustecer sua fé com forças renovadas, reencontrando novos caminhos de unidade, dando maior brilho a suas doutrinas e renovando profundamente suas instituições.

O Concílio Vaticano II foi uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, considerados um dos grandes eventos da Igreja Católica, com o objetivo de organizar melhor a vida da Igreja. Para esta conferência o Papa João XXIII convidou os bispos do mundo inteiro para discutir, aprofundar e formular vários temas

relacionados com a Igreja, e uma das discussões e tema que constava na pauta foi: “A Sagrada Liturgia” na qual foi abordada a importância da música na liturgia, sua identidade e essência.

Esse presente trabalho visa trazer algumas informações básicas para que os agentes de liturgia envolvidos com a música saibam como proceder de forma correta para dar um tom melhor na celebração litúrgica compreendendo de fato qual o papel da música e sua função relevante na celebração eucarística.

É preciso ainda que toda a vida da Igreja seja impregnada e renovada pelo vigor e pelo espírito do Concílio, é preciso que as sementes de vida lançada pelo Concílio no campo que é a Igreja cheguem à plena maturidade. (Compêndio do Vaticano II Constituições, Decretos, Declarações.).

Um dos grandes tesouros de altíssimo valor que a Igreja tem é sua tradição musical, e ela faz parte integrante da liturgia solene. A música quanto mais tiver ligada a ação litúrgica a Igreja aprovará, pois tornará mais solene os ritos litúrgicos.

A escolha deste tema tem grande relevância para mim, pois atuo desde o início da minha formação, e por ter um conhecimento simples e pequeno sobre os documentos da Igreja que fala da música litúrgica e por estar envolvida na liturgia e querendo compreender melhor o aspecto musical das celebrações litúrgicas no sentido do que é mais adequado ao contexto celebrativo, visto que a falta de formação litúrgica ocasiona uma fragmentação na celebração litúrgica que busquei este tema.

2. Metodologia

Essa é uma pesquisa Documental de natureza qualitativa e explicativa. A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. A elaboração da entrevista para obter uma coleta de dados, se deu através de perguntas estruturadas no que diz respeito os documentos da Igreja sobre a música litúrgica.

As entrevistas foram realizadas com três pessoas envolvidas nas celebrações litúrgicas, um dos entrevistados é um Sacerdote Frade Capuchinho Doutor em Liturgia onde toda sua formação foi realizada em Roma, a segunda pessoa

entrevistada é Denison, um músico Licenciado e que dedica seu trabalho para a igreja. Por fim a terceira pessoa é Adriana, cantora da Igreja, tem dois cursos de canto, uma pela UFBA (oficina de canto) e pela Faculdade. Dom Pedro técnica de black music, com o professor Marcio Medeiros e é formada em administração.

3. Concílio Vaticano II

Segundo o Código de direito canônico, um **concílio ecumênico** é uma reunião de todos os bispos da Igreja católica, convocada pelo Papa, para discutir e resolver as questões doutrinárias ou disciplinares da Igreja Católica que precisam ser esclarecidos, promulgar dogmas, corrigir erros pastorais, condenar heresias e, em suma, dirimir sobre outras questões de interesse para a Igreja universal.

Tiveram na história da Igreja, ao longo de 21 séculos, total 21 concílios ecumênicos. São chamados "ecumênicos", pois tem o sentido de "universal", com a participação de todos os bispos católicos do mundo. Geralmente o nome do Concílio é determinado segundo o lugar onde foi celebrado e assim o último, celebrado na cidade de Vaticano, e isso foi na segunda vez, na mesma cidade e por isso é chamado "O Concílio Vaticano II".

O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII no dia 11 de outubro de 1962 e concluído com o Papa Paulo VI no dia 8 de dezembro de 1965.

Foram 10 as sessões do Concílio Vaticano II. A de abertura foi a única celebrada no pontificado de João XXIII (1958-1963). Todas as outras se fizeram sob o pontificado de Paulo VI (1963-1978).

O objetivo do Concílio é intensificar a vida cristã, atualizando as instituições que podem ser mudadas, favorecendo o que contribui para a união dos fiéis em Cristo e incentivando tudo que os leva a viver na Igreja. Em vista disso, julga dever se ocupar especialmente da liturgia, que precisa ser restaurada e estimulada. (SC Sobre a Sagrada Liturgia)

O Concílio Ecumênico aconteceu num momento em que a Igreja se dedicava a robustecer sua fé com forças renovadas reencontrando novos caminhos da unidade.

A diferença dos outros 20 Concílios ocorridos na história da Igreja para o Concílio Vaticano II foi ter reunido não somente os bispos católicos, mas, pela primeira vez na história da Igreja, os padres pertencentes a todos os povos e nações, e cada um deles trazendo contribuições de inteligência e de experiência, para curar e sanar as cicatrizes deixadas pelos conflitos que mudaram profundamente a feição de todos os países, as feridas causadas pelas duas guerras mundiais.

O principal objetivo do trabalho não foi conciliar a diferença dos outros Concílios, nem de discutir princípios doutrinários, mas a proposta de um modo novo de ser Igreja, com serenidade e tranquilidade, em vocabulário adequado e num contexto cristalino.

Vale ressaltar que a Igreja, no passado, sempre se opôs aos erros e os condenou com grande severidade. No Concílio Vaticano II ela aparece como a esposa de Cristo que prefere recorrer ao remédio da misericórdia a usar as armas do castigo. No Concílio Vaticano II, a Igreja pensa de si mesma, o que ela é, contempla a sua beleza e integridade, a consciência que ela tem de si mesma, Corpo místico de Cristo, no *mistério* que ela celebra, na *unidade e comunhão* que vive entre os membros e com a qual ela se relaciona com todos os seres humanos, religiões e culturas e raças e na sua *missão* no mundo atual.

Por isso os seus 24 textos - entre Constituições, Decretos e Declarações, resumos de todo trabalho dos três anos -, contêm assuntos que dizem *respeito a si mesmo*: como a reforma da Liturgia, da revelação da Palavra, do Povo de Deus; dizem a *respeito dela com os outros como*: Igrejas orientais católicas, Ecumenismo, Educação cristã, Religiões não cristãs, Liberdade religiosa, Missões e em fim *a sua posição num mundo* através o documento “*Guadium et Spes*” - Igreja e mundo.

Foi um Concílio celebrado na maior serenidade de animo e paz, harmonia fraterna, moderação nas iniciativas, respeito no confronto e sabedoria em todas as deliberações.

Foi uma nova “primavera” da Igreja, que desperta forças e virtudes imensas, até agora talvez não manifestadas bastante. Tratava-se de uma renovação e não revolução, de uma perfeição de vitalidade interior e exterior. O Concílio vaticano II abriu também novos rumos para a restauração da unidade de todos os cristãos: O Papa Paulo VI no seu discurso dizia: “Hoje brilha a esperança. Quem sabe, amanhã, contemplaremos a realidade”.

São inesquecíveis também os dois eventos principais acontecidos durante o Concílio: o primeiro é a peregrinação do Papa Paulo VI e dos Padres Conciliares à Terra Santa, visitando assim aquela terra venerável em que andou São Pedro e à qual nunca mais voltou nenhum dos seus sucessores. E o segundo evento principal foi a visita do Papa Paulo VI às Nações Unidas, à sua sede em Nova Iorque, na comemoração de seu vigésimo aniversário de fundação (1945-1965). A viagem foi feita durante a quarta sessão, no dia 04 de outubro de 1965, dia de São Francisco, com o objetivo de levar aos que ali eram reunidos a sua mensagem de paz. No seu discurso não faltaram as expressões como: “Uns e outros”, “Uns com os outros”, “nunca um acima dos outros”, “nunca um contra os outros”, “uns pelos outros” construindo assim a Paz!

4. Celebração Litúrgica

Celebração: para sermos e nos sentirmos membros de um povo, precisamos celebrar, sem celebração, não há povo. É cada pessoa que celebra e a celebração pede companhia, quer o grupo e só é celebração quando verdadeiramente consegue envolver todo o povo celebrando a plenitude da vida.

A celebração é parte integrante da vida humana, que é tecida de trabalhos e de festas, de horas gastas na construção e espaços destinados a usufruir de seus resultados. A celebração nos leva a descortinar a grandeza de nosso ser e de nosso destino de imagens de Deus, grandeza que corremos o perigo de esquecer nas lutas pela vida, ela nos abre espaço para vivermos em comunhão que é o anseio profundo de nosso ser social.

A palavra **Liturgia** tem origem no grego **leitourgos**, palavra que servia para descrever alguém que fazia serviço público ou liderava uma cerimônia sagrada. A liturgia é um conjunto dos modos usados no desenvolvimento dos ofícios e/ou sacramentos; rito ou ritual.

Os discípulos de Cristo conhecidos como cristãos desde o início se reuniam para a oração, logo essa reunião recebeu o nome de assembleia, Eclésia. A pregação dos Apóstolos, as orações, a convivência da comunhão fraterna, a fração do pão (Eucaristia) eram os acontecimentos principais das assembleias.

Observemos então esses acontecimentos: os cristãos se reuniam e se reuniam para celebrar os mistérios da sua fé, para a oração, é a igreja unida em oração e assim da inicio as celebrações litúrgicas.

José Ferreira no seu artigo sobre a liturgia antes do Concílio Vaticano II nos diz que era então verdade, de fato, mais do que viria a ser no futuro, que a Liturgia constituía a oração da igreja, da assembleia dos cristãos reunidos em oração, quer fosse para ouvir a Palavra de Deus, quer para as orações, quer para a Ceia do Senhor. Por tanto a liturgia da igreja nasceu com a igreja, em Jerusalém, mas à medida que a pregação do Evangelho ia atingindo outros lugares e isso aconteceu desde muito cedo a vida litúrgica das diversas igrejas foi-se diversificando, o que prova que só ela, a liturgia, era realmente a expressão viva da oração de cada uma dessas igrejas.

O Concílio, para restaurar e estimular a liturgia julga dever lembrar certos princípios e estabelecer determinadas normas. Entre tais princípios e normas há o que se pode e deve aplicar não só ao rito romano como a todos os outros. (SC Sobre a sagrada Liturgia)

Vale destacar que a celebração litúrgica, estruturadas em símbolos e sinais, corresponde perfeitamente à psicologia do homem e da mulher, sobretudo dos mais simples, que preferem manifestar seus sentimentos por atitudes, gestos, objetos: uma visita, um abraço, um presente, além disso, a celebração litúrgica é a ação do povo de Deus, reunido em Jesus Cristo, na comunhão do Espírito Santo.

Um dos pontos positivo e a maior conquista que o Concílio Vaticano II nos proporcionou foi a renovação Litúrgica, dando ao povo uma participação cada vez mais ativa, consciente, plena e frutuosa na celebração. A consciência da participação na liturgia leva os fieis a um crescente engajamento na vida e missão eclesial, a inserção nas atividades conduz os fiéis a celebrarem sua própria vida com expressões genuínas de fé e oração. Uma das expressões desta participação é a Música Litúrgica. “Onde há manifestação de vida comunitária existe canto”, “e onde há canto celebra-se a vida”. O Documento da CNBB¹ sobre a Pastoral da música litúrgica no Brasil diz que a renovação litúrgica tem alcançado um de seus pontos positivos, pela criação de uma música litúrgica em Vernáculo que tem procurado

¹ CNBB – Conselho Nacional dos Bispos do Brasil.

corresponder ao sentimento e á alma orante do nosso povo, fazendo-o participar das funções litúrgicas de modo expressivo e autêntico.

A liturgia será sempre uma celebração do mistério pascal, isto é, passagem da morte para vida, a liturgia é ação de Cristo na igreja, é na celebração litúrgica que toda comunidade eclesial expressa sua fé comum, ouve o mesmo Senhor, agradece as maravilhas que Deus tem realizado, cantam as mesmas canções, é aí que todos louvam a Deus e saem fortalecidos e animados por Deus, e quando falamos de liturgia, temos presente: a missa ou celebração litúrgica.

A celebração litúrgica, como a obra de Cristo sacerdotal, e da igreja que é seu corpo, é uma ação sagrada por excelência. Sua eficácia não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja. (conf. SC7)

A Sacrosanctum Concilium ² nos diz que em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas, para nos dizer o que, que devemos respeitar e agir com dignidade na celebração para não transformar a nossa liturgia em uma celebração qualquer. Todos os que estão envolvidos com a celebração litúrgica: cantores, comentadores, leitores etc. devem exercer um verdadeiro ministério litúrgico, devem desempenhar suas funções com devoção.

5. A música e o seu tempo litúrgico

A música na celebração Eucarística em ordem de importância e após a comunhão Sacramental, é o elemento que melhor colabora para a verdadeira participação dos fiéis, pois é pelo canto, que a oração se exprime com maior suavidade, é pelo canto que manifesta claramente o mistério da liturgia, é pelo canto que profundamente se atinge a unidade dos corações dos fiéis pela unidade das vozes, levando as almas a se elevarem pelo esplendor das coisas santas.

Para Adriana a música conforme o tempo litúrgico contribui essencialmente para dar um tom melhor na celebração, para ela a música facilita na compreensão

² SC – Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Liturgia, do Concílio Vaticano II.

dos ritos, o entendimento dos textos bíblicos, alegra as celebrações e nos eleva para mais perto de Deus.

Vale ressaltar que o canto na liturgia Eucarística por tanto, não é algo distante ou secundário, mais sim uma das expressões mais profundas e verdadeiras da própria liturgia, por isso é que se faz necessário uma formação para os agentes de liturgia, os cantores, pois saberá quando uma obra musical se insere e se integra na ação litúrgica Eucarística e em seus diversos ritos, ao contrário quanto mais a obra musical se afasta do texto, do contexto, dos ritos litúrgicos, tanto mais será impropria ao uso litúrgico.

Para cantar a liturgia é necessário que os músicos tenham uma noção exata da liturgia, deverão saber quais são os tempos litúrgicos para que não venham causar erros na liturgia, por exemplo: cantar a música Cristo nossa pascoa no tempo do Natal. Por esta razão é que mais uma vez repito que é de fundamental importância a formação litúrgica e espiritual.

Se a música for como de fato requer a liturgia, será um sinal que nos leva para a edificação de toda a comunidade e a manifestação do mistério da Igreja, Corpo Místico de Cristo e os documentos sobre a música litúrgica nos fala de alguns critérios. Os critérios estabelecidos pelo Concílio foram: que “os textos destinados ao canto, além de evidenciar a função ministerial, a festa e o tempo litúrgico, sejam cantos conformes à doutrina católica e sejam tirados principalmente da Sagrada Escritura e das fontes litúrgicas”. “Na celebração litúrgica é máxima a importância da sagrada Escritura, pois dela são lidas as lições e explicadas na homília e cantam-se os salmos. É de sua inspiração e incentivo que surgiram as preces, orações e hinos litúrgicos”.

A música é uma linguagem privilegiada e expressiva da alma e da cultura de um povo e para a liturgia ser autêntica e a participação ser profunda, deve-se usar a linguagem musical que melhor expresse a fé e a oração do povo orante.

Segundo a Sacrosanctum Concilium a Igreja aprova e admite no culto divino todas as formas de verdadeira arte dotadas das devidas qualidades.

No Documento sobre a Música Litúrgica (MS 21) ³, pede também que ao menos um dos cantores seja um cantor devidamente formado para propor ao povo

³ MS – Introdução da Sagrada Congregação dos Ritos sobre a Música na Sagrada Liturgia.

as melodias simples, para que estes tenham uma participação plena na missa e deverá oportunamente apoiar e dirigir os fieis.

É dessa forma, realizando perfeitamente a sua função litúrgica que não apenas trazem mais beleza para a ação sagrada e darão um ótimo exemplo aos fieis, povo de Deus, como também eles mesmos conseguirão proveito espiritual.

O canto durante o Ano Litúrgico deve distinguir-se por três elementos: o mistério celebrado, a letra e a melodia, os cantos de Advento não são os cantos de Natal e os cantos da quaresma não são os cantos da pascoa.

O canto na liturgia recebe sua expressão a partir dos Mistérios celebrados. Isso vale, sobretudo para os cantos próprios dos Tempos Litúrgicos. Trata-se do canto de entrada, o salmo responsorial, da aclamação ao Evangelho, do canto de preparação das oferendas e da comunhão. Claro que os cantos comuns, como Senhor piedade, o glória, o santo e o Cordeiro também deveram ressoar de modo diverso, a expressão musical será mais severa ou mais alegre, mais sóbria ou mais solene. Por exemplo, a expressão da aleluia na vigília da pascoa será diferente do aleluia no Tempo do Advento. Assim o Aleluia próprio da vigília da páscoa não deveria ressoar durante todo o Ano litúrgico.

Convém notar que não é bom introduzir em cada solenidade cantos totalmente novos, os cantos, que celebram os mistérios durante o Ano, devem tornar-se familiares, um canto já conhecido ajuda a vivenciar o mistério celebrado. Por exemplo, o canto “eu vos dou um novo mandamento” é próprio da Quinta - feira Santa já conhecido por todos. Daí decorre que a escolha dos cantos para as celebrações exige formação litúrgica.

5.1 A escolha de músicas em cada tempo litúrgico

O canto e a música nos tempos litúrgicos são voltados para expressar o mistério pascal de Cristo, de acordo com o tempo e o ano litúrgico e suas festas.

O tempo litúrgico é dividido da seguinte maneira: **O Tempo do Advento; O Tempo do Natal; O Tempo Comum; O Tempo da Quaresma; O Tempo da Pascoa.**

Mapa do Ano Litúrgico



O Ano Litúrgico contém as datas dos acontecimentos da História da Salvação; contudo não coincide com o ano civil, começa com o primeiro Domingo do Advento e termina na última semana do Tempo Comum, onde se celebra a solenidade de nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. A igreja celebra no tempo, o domingo como um dia especial natal e pascoa, como tempo de festa, são realidades na vida de todas as pessoas, sejam ou não membros da comunidade eclesial.

- **O canto no Tempo do Advento:** No Tempo do Advento para nós católicos da inicio ao ano litúrgico, ao longo de quatro semanas, onde toda a Igreja entoava um canto de vigilante, um canto de espera amorosa e alegre da vinda do Senhor, o Emanuel, o príncipe da paz o Deus-conosco. O canto que antes entoado pelos profetas, e que João Batista e Maria continua ressoando no seio da Igreja que clama: Maranatha! Vem Senhor Jesus, vem nos salvar, vem sem demora, nos da a paz.
- **O canto do Natal do Senhor:** Neste tempo, cantamos com a alegria dos profetas e evangelistas de todos os tempos o mistério do Natal (encarnação), e da Epifania do verbo de Deus, do Emanuel Deus-conosco, do príncipe da paz. É o cantar do povo de Deus que vai até o presépio ver o menino enviado

do por Deus. A boa notícia a alegria para todos os povos, a luz que de uma criança apareceu o menino Deus.

- **O canto da Quaresma:** Cantar a quaresma é antes de tudo cantar a dor que o Senhor sentiu assumindo o pecado do mundo. Cantar a quaresma é cantar a dor da paixão de Cristo. É um canto de penitência e conversão, é um canto sem “glória” e sem “aleluia”, um canto sem vestes da alegria um canto “das profundezas do abismo”, um canto que clama por piedade e misericórdia um grito de penitente de quem implora e suplica: Senhor tem de piedade de mim, segundo a vossa bondade e conforme a vossa misericórdia, apagai a minha iniquidade. (SL 50)
- **Cantar o Tríduo Pascal:** Nesses três dias, vivenciamos de forma resumida, o mistério pascal de Cristo nas celebrações do “Tríduo Sacro” de sua morte, sepultura e ressurreição.
O canto da Ceia do Senhor: quanto a nós devemos gloriar-nos na cruz do nosso Senhor Jesus Cristo que é nossa salvação, é na glória da Cruz que brilha o mandamento do amor (Lava-pés) é no brilho da cruz que resplandece o sacramento do amor (Eucaristia), é no reerguimento da cruz que podemos cumprir o pedido do mestre: “fazei isto em memória de mim”. Diante disso na celebração da paixão do Senhor, cantamos a confiança do servo sofredor que se entregou sem reservas nas mãos d’Aquele que o pode livrar.
Abandonando-nos em Cristo cantamos a esperança da vitória de seus fieis seguidores, os crucificados de nossos dias.
Na noite do Sábado Santo, cantamos as maravilhas de um clarão que já mais se apagará. Proclamamos as maravilhas de Deus que nos libertou das trevas da morte cantando Ressuscitou Aleluia.
- **O canto da páscoa:** O canto do tempo pascal é o canto de uma profunda alegria, ressuscitados com Cristo cantamos sua glória, a vitória sobre a morte, onde o aleluia volta a ressoar dos nossos lábios, brotando do coração a alegria por ter o Cristo ressuscitado.

- **O canto do Tempo Comum:** O Tempo Comum é o mais extenso do ano litúrgico, esse tempo nos ajuda a entender e viver aspectos da vida e da missão de Jesus e seus discípulos, que não são refletidos nos tempos do Natal e da Páscoa. Cada celebração Dominical do Tempo Comum tem o sabor de “páscoa semanal”.

O Hinário Litúrgico traz um rico repertório que acompanha o conteúdo central do Evangelho de cada domingo, sobre tudo nos versículos das aclamações ao evangelho e nos refrãos dos cantos de comunhão.

5.2 Como são divididas as músicas da celebração Eucarística

A missa compõe as seguintes partes: Ritos iniciais; Liturgia da Palavra; Liturgia Eucarística; Rito de encerramento. É importante que saibamos reconhecer estas diversas partes, que formam o corpo da celebração, pois é no interior deste esquema que serão feitas as escolhas dos cantos.

- Ritos iniciais da Missa: Convidar a assembleia a entrar no clima da celebração.
- Liturgia da Palavra: Celebrar a palavra, a Liturgia da Palavra da Missa é constituída pelo anuncio da Palavra incluindo as leituras do dia o salmo e o Evangelho.
- Liturgia Eucarística: Celebrar a ceia pascal. Celebrando o memorial do Senhor, a Igreja, na Liturgia Eucarística, faz o mesmo que Cristo fez na última Ceia.
- Rito de encerramento: Ritos finais da Missa a despedida. Terminada a Oração depois da Comunhão, podem ser feitas, se necessário, breves comunicações ao povo.

Os cantos da Missa são divididos da seguinte maneira: Canto de **Entrada** ou de **Abertura**, canto do **Ato Penitencial**, canto do **Hino de louvor** ou **Glória**, canto da **Aclamação ao Evangelho**, canto do **Ofertório**, canto do **Santo**, canto do **Cordeiro de Deus**, o canto da **Comunhão**, Canto **Final**. Vejamos o sentido de cada um desses cantos, bem explicados a partir da Introdução do Missal.

- O canto de Entrada: em quanto o sacerdote entra com os demais ministros, todos da assembleia é convidado a levantar-se, para assim iniciar à celebração com o canto de entrada. A finalidade deste canto é justamente dar início à celebração, é criar um clima que promova união orante da comunidade e introduzi-la no mistério do Tempo litúrgico ou da festa.
- O canto do Ato Penitencial: O sacerdote convida ao ato penitencial, o ato penitencial é um momento importante da celebração, pois leva o povo a reconhecer-se pecador, culpado e necessitado de purificação, e o reconhecer-se pecador como expressão de “temor” diante da experiência do Deus Santo e Misericordioso.
- O canto do Glória é um Hino antiquíssimo e venerável, pelo qual a Igreja glorifica a Deus Pai. Não é mera aclamação trinitária, embora tenha caráter trinitário, é um hino ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.
- O canto da aclamação ao Evangelho: Canta-se o aleluia ou outro canto estabelecido pela rubrica conforme exige o tempo litúrgico. O aleluia é cantado em todo tempo, exceto na Quaresma.
- O canto do Ofertório: A introdução do Missal diz: o canto das oferendas acompanha a procissão das oferendas e se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido colocados no altar. O canto do ofertório não deve prolongar, pois acompanha um rito. É um canto de preparação dos corações para a ação de graças e para o sacrifício em comunhão com o sacrifício de Cristo, esse canto dispõe os corações dos fieis a ofertar a sua vida ao Pai e aos seres humanos no sacrifício da Cruz.
- O canto do Santo: Após o prefácio, canta-se o santo, aclamação pela qual toda a assembleia se une aos espíritos celestes. Esta aclamação, parte da própria Oração eucarística, é proferida por todo povo com o sacerdote, o canto todo ele é bíblico, santo, santo, santo senhor Deus do universo, o Santíssimo, o Altíssimo, o Todo Poderoso. Mesmo que o Santo não seja

cantado ele deve ser rezado, pois é uma aclamação que não pode deixar de rezar.

- O canto do Cordeiro de Deus: É outro canto que faz parte integrante do Ordinário da Missa. Também ele não constitui novo ato penitencial, a Introdução do Missal o caracteriza como uma súplica, tem a forma de breve ladainha. O Cordeiro de Deus não é tirado ou entoado pelo sacerdote, mas pelos cantores, que saberá se vai ser cantado ou recitado, conforme a conveniência ou a solenidade.
- O canto da Comunhão: Enquanto o sacerdote recebe o Sacramento, entoa-se o canto da comunhão. O canto da comunhão tem caráter diverso do canto da entrada ou das oferendas, ele será mais contemplativo, mais sereno, mais de comunhão.
- O canto final: Um canto final, se parecer oportuno, embora não previsto no Missal, encontrará maior receptividade neste momento do que mais tarde. Esse canto começou a ser chamado canto devocional, pode ser chamado também de louvor final, antes dos ritos finais, que constam da saudação, da bênção e da despedida.

Os cantos chamados do próprio da Missa são caracterizados por dois aspectos: o mistério celebrado e o lugar em que é cantado. Por isso é importante aprofundar o sentido de cada canto.

6. A música na celebração

O nosso Santo Papa João Paulo II disse: “A música litúrgica deve, de fato, responder aos seus requisitos específicos: a plena adesão aos textos que apresenta a consciência com o tempo e o momento litúrgico para o qual é destinada, a adequada correspondência aos gestos que o rito propõe”, ou seja, a melodia e a letra deve-se estar em perfeita harmonia.

O Documento da Igreja considera a música litúrgica ou canto litúrgico como parte integrante da celebração. Para Frei Wandei o Documento da igreja é claro quando diz que a música é como parte integrante da celebração, pois isso não acontece nas igrejas Europeias, cantos que a liturgia exige que sejam cantados, o glória, o santo, o cordeiro, o canto da fração do pão, esses cantos eram completamente rezado, mas para dizer que a música deve ser valorizada, você não pode fazer festa sem música e a nossa liturgia é a celebração da nossa alegria e como disse o próprio Papa Francisco no seu último documento: não existe alegria sem canto porque o canto demonstra festa. É verdade que a nossa liturgia é uma festa, mas é uma festa contida e não uma festa qualquer conforme existe em algumas celebrações, onde nota-se pouca concentração, pouca espiritualidade.

Podemos perceber que a finalidade da música na celebração litúrgica é a glorificação de Deus e santificação dos homens por isso o músico deve ter uma formação musical litúrgica para compreender qual o papel da música na celebração para assim cantar a Missa e não na missa, a CNBB organizou e publicou um Hinário com vários CDS que ajudam as comunidades, para Frei Wandei quando o músico querendo enfeitar de mais substituindo os cantos aí sim acaba descaracterizando aquilo que é próprio da liturgia.

De acordo com Dom Gil Antônio Moreira Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, (4 de Janeiro de 2013) no seu artigo sobre A Música sacra na Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II nos diz que, nas comemorações dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II a reforma litúrgica ocupou lugar especial, e mais ainda, um lugar de destaque a música Sacra, agora também citada frequentemente como música litúrgica. Seja ela polifônica, instrumental, ou uníssona, seja o canto gregoriano, seja cantada por todos, por isso a liturgia existe para o louvor a Deus e a santificação dos fiéis.

Nesta ampla reforma litúrgica promovida pelo Concílio, passou-se então a dar especial atenção ao canto popular incluindo a valorização de expressões culturais regionais, e algumas destas iniciativas contribuem imensamente para a boa participação dos fiéis. Porém, enganar-se-ia quem admitisse nestas aspirações dos padres conciliares, alguma oposição as reforma que constituem o patrimônio musical da fé católica, tesouro que não se pode, de nenhuma forma perder.

O Concílio Vaticano II, em sua citada Constituição Sacrosanctum Concilium recomendou:

A Tradição musical da Igreja é um tesouro de inestimável valor, que excede todas as outras expressões de arte, sobre tudo porque o canto sagrado, intimamente unido com o texto, constitui parte necessária ou integrante da Liturgia solene. (SC 112)

A Igreja em toda a história primou pela boa música para cantar a beleza eterna de Deus, vendo na arte um jeito verdadeiro de estar com Deus.

Dom Gil Antônio ressalta uma pequena frase de Santo Agostinho. “Cantar é rezar duas vezes”. Por isso é importante cantar a liturgia, e não apenas na liturgia, é um ideal contínuo de nossas comunidades, pois isto faz parte não só da estética das celebrações, mas constitui forma inalienável de expressão de fé.

O Setor de Música Litúrgica da CNBB, no ano de 2004 promoveu encontros nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Sul relatando a importância da música na celebração litúrgica, onde a equipe traduziu essa importância destacando em quatro pontos de vista:

Primeiro ponto de vista teológico: em que a música Litúrgica brota da vida da comunidade de fé. É na intuição do Mistério de Cristo no cotidiano das pessoas e grupos humanos, que o autor e compositor litúrgico encontram sua fonte primeira de inspiração.

A música litúrgica se insere na dinâmica do memorial, próprio e original da tradição Judaico-cristã: é canto, são palavras, melodias, ritmos, harmonias a serviço da recordação dos fatos salvíficos.

Segundo ponto de vista litúrgico: a música litúrgica autêntica traz consigo o selo da participação comunitária onde a assembleia celebrante louva e agradece. A música é um ritual, ela tem um caráter exigentemente funcional, precisando adequar-se à especificidade de cada momento ou elemento ritual de cada tipo de celebração, à originalidade de cada Tempo Litúrgico, a música litúrgica está a serviço da palavra.

Terceiro ponto de vista pastoral: na qual a música litúrgica, por um lado, encarna as finezas e cuidados do Bom Pastor para com seu rebanho, e quem exerce algum tipo de ministério litúrgico musical tem que adequar-se à diversidade dos ambientes sociais e culturais, às vivências do cotidiano, e as possibilidades e limitações de cada assembleia e cabe-lhe, portanto, não só ajudar na escolha do

repertório, mas também cuidar oportunamente da formação litúrgico-musical da assembleia. A música litúrgica, enfim, é fruto da inspiração de quem vive inserido no meio do povo.

E o quarto ponto de vista estético: onde a música litúrgica, em todos os seus elementos, palavras, melodia, ritmo, harmonia, participa da natureza simbólica e sacramental da Liturgia cristã e essa música ao mesmo tempo brota da cultura musical do povo. Nesta cultura que busca prioritariamente músicas que melhor encaixem na variedade dos Tempos Litúrgicos. A música litúrgica privilegia a linguagem poética, prioriza o texto, a letra de acordo com os momentos e elementos de cada rito.

Por fim a música ao ser executada, embora se destine a ser expressão autêntica de tal ou qual assembleia, prima por manter-se fiel à concepção original do autor, conforme está expressa na partitura, sob pena de perder as riquezas originais da sua inspiração e, empobrecer-lhe a qualidade estética e densidade espiritual.

6.1 Formação litúrgico-musical para os que atuam na celebração

Aos músicos e cantores, seja dada, ao mesmo tempo, uma boa formação. Segundo Frei José Arioval é necessário ter em mente dois tipos de equipe litúrgica que poderia chamar de “equipe de pastoral litúrgica” e a outra “equipe de celebração litúrgica” na qual a equipe de pastoral litúrgica seria um grupo formado para promover, organizar, dinamizar e programar a vida litúrgica como um todo, paróquia, ou diocese, e a equipe de celebração é o grupo de pessoas que, no exercício do seu ministério específico (presidência, leitores, cantores e instrumentistas, sacristão, equipes de acolhimentos, etc.) atuam unidas entre si numa determinada celebração.

É necessária uma formação para esses agentes, formar bem essas equipes, e muitos se devem perguntar: formação para quê? Diante deste questionamento o Concílio Vaticano II prescreve que os ajudantes, leitores, comentadores e cantores sejam cuidadosamente imbuídos do espírito litúrgico e preparados para executar as suas partes, perfeita e ordenadamente. (SC n.29).

Na entrevista realizada com Adriana ela nos fala que a formação adequada dos músicos chamados a este serviço é o melhor caminho para as dúvidas serem

esclarecidas e que a Sacrosanctum Concilium, realmente expõe de maneira muito clara a função da música e como ela está diretamente ligada à liturgia.

Para essa formação há que se leve em conta no mínimo, os seguintes aspectos da formação: é preciso uma boa formação prática para o exercício de cada função, mas não basta somente uma preparação prática, pede-se também um aprofundamento do sentido e do mistério da liturgia.

As equipes de formação litúrgicas segundo Frei José Arioval, devem alargar ainda mais seus horizontes para que não venha perder a beleza Litúrgica. Enfim, toda essa formação tem que estar profundamente imbuída de espiritualidade, de devoção e em respeito à doutrina da Igreja.

De fato é urgente uma adequada formação litúrgico-musical para os agentes de pastoral, (presbíteros e leigos), pois só se faz bem aquilo que se conhece. Para Denison a partir do momento que o músico está esclarecido e entende o contexto litúrgico é claro que tornará mais solene a celebração. Na verdade o importante é você dirigir o povo no mistério e fazer com que no mistério eles encontrem Jesus e saia dali disposto a transformar a vida.

O Documento sobre a Música Litúrgica nos diz que a música sacra, como parte integrante da Liturgia solene, participa do seu fim geral, que é a glória de Deus e santificação dos fiéis no sentido de que a música concorre para aumentar o decoro e esplendor das sagradas cerimônias, o seu ofício principal é revestir de adequadas melodias o texto litúrgico proposto à consideração dos fiéis. Por isso é que a música sacra deve possuir, em grau eminente, as qualidades próprias da liturgia, a música deve ser santa, e por isso excluir todo o profano, deve ser uma arte verdadeira exercendo assim um ânimo aos ouvintes.

A Igreja valoriza sempre esse progresso das artes, reconhecendo o que o gênio encontrou de bom e belo no decorrer dos séculos, mas olhando sempre as leis litúrgicas para que nada venha manchar a liturgia.

A liturgia surge assim como uma realidade complexa, onde Deus e o homem se encontram, dialogam, comunicam, partilham as suas intimidades, se redescobrem e recriam. A música está presente na liturgia para dar forma a esta dramaturgia humano-divina. As várias linguagens e expressões de arte são o “médium” privilegiado, através do qual a ação litúrgica acontece, a linguagem artística tem revelado, ao longo de todos os tempos, uma especial aptidão para exprimir e concretizar este diálogo entre Deus e o Homem e realizar o Seu plano

salvífico. Por isso, a arte está presente na liturgia e a música ocupa um lugar de excelência e desempenha um papel privilegiado e insubstituível na liturgia.

Um grande momento de entusiasmo marcou a acolhida do Sacrosanctum Concilium, foi o uso do vernáculo que modificou profundamente o estilo das celebrações, o sacerdote no altar não mais de costas para o povo, mas voltado para eles, pôs assim a presidência face a face, os textos proclamados em latim agora proclamados em vernáculo. Os cantos das partes do Comum da Missa, em vernáculo deu possibilidade a todos fieis para cantar dando uma nova vida à celebração.

De fato a celebração litúrgica nos leva descobrir a grandeza de nosso ser, ela nos abre espaço para vivermos em comunhão que é o anseio profundo de nosso ser e de nosso destino de imagens de Deus, mas que muitas vezes corremos perigos de esquecer nas lutas pela vida.

É importante enfim, partir para este enriquecimento da celebração litúrgica, pois precisamos fazer a celebração sempre mais autêntica, mais unida a vida, para transformar a vida toda em oração.

7. Resultados das entrevistas

As entrevistas aconteceram em lugares diferentes. Uma entrevista foi realizada em Salvador BA, na Igreja da Piedade onde abitam os Frades Capuchinhos, a entrevista foi feita com Frei Wanduí que é um Sacerdote, Doutor em Liturgia pela Escola em Roma. As outras duas entrevistas foram realizadas na cidade de Candeias BA, uma na Paróquia Nossa Senhora das Candeias com o Músico Denison, ele licenciado em música dedica todo seu trabalho na Paróquia e a outra entrevista aconteceu na Paróquia de São Francisco de Assis com Adriana uma das cantoras da paróquia, ela formada em Administração, mas participou de vários cursos de música, um deles um curso de extensão da UFB.

As perguntas para as entrevistas foram elaboradas no intuito de colher informações necessárias sobre o papel da música litúrgica a partir do Concílio Vaticano II e a opinião de cada um no que se diz respeito a Música Litúrgica pós Concílio Vaticano II. Destaco aqui a fala de cada um deles.

Comecei questionando aos entrevistados: Qual seu ponto de vista sobre o papel da música litúrgica?

Entrevistado A: Música litúrgica no geral: pelo menos o Documento da Igreja considera a música litúrgica ou o canto litúrgico como parte integrante da celebração, isso tem que ficar claro. E para a música ser parte integrante da liturgia precisa ser um caminho para glorificação a Deus e santificação dos fieis.

Entrevistado B: Creio que o papel fundamental da música na liturgia Eucarística é o de proclamar a glória de Deus, por esta razão, penso que a música litúrgica é um instrumento de grande valor. Ela nos aproxima do Altíssimo e nos santifica.

Entrevistado C: É, o papel da música litúrgica na celebração assim como o próprio documento sugere que as próprias pessoas torne a celebração mais solene, dê uma solenidade mais do que está sendo celebrado e também possa fazer com que todas as pessoas participem mais ativamente da celebração, então que esse canto motive a comunidade a participar da celebração, participação dos fiéis.

As respostas obtidas certificam qual o valor que a música Litúrgica tem dentro da Celebração Eucarística. De um modo geral quando a Sacrosanctum concilium fala do canto litúrgico fala justamente do canto inspirado, então não é um canto qualquer, é um canto que tem uma inspiração na Sagrada Escritura que ajude a iluminar aquele mistério que está sendo celebrado.

A segunda aborda uma dimensão celebrativa pós Concílio:

De que forma o Concílio abriu um novo horizonte da dimensão celebrativa da Igreja em relação à música litúrgica?

Entrevistado A: Eu acho que sobre tudo, no documento numero 118 fala: cantos religiosos e populares, ao mesmo tempo em que ela chama atenção aqui no numero 116 para o canto gregoriano, o canto polifônico, na sequencia diz, olha, mas os cantos populares devem ser cultivados, é aquela história você tem o canto polifônico, você tem o canto Gregoriano que é o canto da igreja, mas aqui na igreja

nós temos os cantos pastorais, nós temos os cantos populares. O canto popular é aquele canto sem muito arranjo, sem muita dissonância, é um canto que o povo consegue cantar e participar de forma muito tranquila. Eu acho que essa abertura do Concílio Vaticano II permitindo que o povo cante suas devoções na liturgia foi um grande avanço, permitindo que cada cultura use dentro da liturgia o instrumento que lhes são comuns, porém com atenção e respeito ao Templo.

Entrevistado B: O Concílio deixa muito claro como a música é parte integrante da ação litúrgica, ela se faz necessária. Este mesmo documento diz que a liturgia se reveste de nobreza quando é solenemente cantada. Isto me faz entender a importância do papel de ser músico católico, por outro lado também motiva no sentido de querer conhecer e entender mais esse papel.

Entrevistado C: Acredito sim que a partir do Concílio essa dimensão celebrativa da igreja em relação à música litúrgica abriu um novo horizonte. Nos documentos da Igreja a respeito da música litúrgica você tem ali as informações que são preciosas e a partir disso você tem uma série de outros documentos e outros livros, livros da CNBB livros riquíssimos, faces de se encontrar inclusive eu achei um livro promovidos nos encontros que tem da liturgia e neles têm as partituras os ritmos de diversos lugares do nosso País para não perder essa questão popular do utilizar a música do local para ajudar a inserir na celebração, então se não houvesse esse documento não abriria novos horizontes.

As resposta deixa bem claro que o Concílio Vaticano II abriu sim novos horizontes, no que diz respeito a participação do povo, a inclusão da música popular, dando lugar para cantar suas devoções populares, permitindo que o fiel expresse a sua fé. Diferenciando de forma clara uma das mudanças ocorridas pós- Concílio.

A terceira pergunta é votada para a contribuição da música na Celebração Eucarística: A música litúrgica contribui para dar um tom melhor na celebração?

Entrevistado A: Claro! Sem música não tem como você celebrar, eu diria que hoje até nos velórios tem música, porque a música tem essa dimensão, ela tem a

capacidade de transmitir e demonstrar alegria, euforia, mas no mesmo tempo ela tem a capacidade de consolar o coração que está ali triste.

Entrevistado B: Essencialmente. A música facilita a compreensão dos ritos, o entendimento dos textos bíblicos, alegra as celebrações e nos eleva para mais perto de Deus.

Entrevistado C: Sim! Eu acredito que o canto, a música em si ela tem uma linguagem universal, quando você insere a música, você agrega, você une, eu acho que a música contribui. Como na história no início das civilizações a música teve esse caráter celebrativo, a música unia pra celebrar para reunir todo o povo.

De fato é que sem a música em alguns momentos dá uma cessação de vazio, não há festa sem música, nem em velórios, a música bem cantada, liturgicamente escolhida para tal celebração dará sim um melhor tom na celebração.

A quarta pergunta é buscando saber deles se acham que as músicas transmitem Deus para os fieis: Hoje nas nossas comunidades, nas celebrações litúrgicas os fieis que escutam a nossa música saem das celebrações fortificados por ter sentido a presença de Deus, a voz de Deus nessas canções?

Entrevistado A: Na verdade o importante é você dirigir o povo no mistério e fazer com que no mistério eles se encontrem com Jesus e saia dali disposto a transformar a vida, então eu vejo a celebração litúrgica como um todo e se está falando da importância do canto, mas eu não posso deixar de falar dos outros ministérios, quem proclama a palavra, quem serve como acolito, é tudo um conjunto, o padre responsável tem que perceber tudo isso e aos poucos concertar os erros.

Entrevistado B: Creio que sim. Sei de casos que ao contrario de ajudar, a música acaba até atrapalhando, muitas vezes por ignorância musical/técnica e também por falta de esclarecimento do que é a música sacro-religiosa. Ainda assim, esses casos são minorias ou isolados, e sim os fiéis saem mais fortes e certos da presença de Deus.

Entrevistado C: Bom, eu acredito que está relacionado com o nível de formação de entendimento das pessoas que ministram música da igreja, a partir do momento que você está ali esclarecido, que você entende e que você faz com um objetivo claro, tudo fica mais solene e com certeza a pessoa que está participando e ver que existe uma conexão, ela vai sair da li tocada.

Essas respostas mostram que para o fiel sair dali tocado com a palavra de Deus através da música é preciso o ministro da música saber o que se está cantando, como está cantando, qual mistério que está sendo celebrado, e todos os que participam de alguma forma na liturgia tem que ter essa formação litúrgica, pois todos formam um todo, todos precisam está em sintonia.

A quinta questão procurou saber se eles conheciam o documento da Igreja sobre a Sagrada Liturgia: Como músico você tem conhecimento sobre a Sacrosanctum concilium sobre a sagrada Liturgia, onde menciona com clareza a função eclesial da música sacra, a tradição musical de toda a Igreja?

Entrevistado A: Sim! No capítulo 6 música sacra, onde a igreja diz: música sacra ela precisa ser valorizada porque ela entra dentro daquele itens chamado de artes, então entra a música e a música ela é vista como algo essencial, por isso que diz a gloria de Deus e santificação dos fieis, ela chama de tesouro, música sacra é um tesouro por isso ela deve ser conservada e desenvolvida com maior carinho, o importante é saber que não existe celebração Eucarística sem música.

Entrevistado B: Sim conheço o Sacrosanctum Concilium. Realmente ele expõe de maneira muito clara a função da música sacra e como esta está diretamente ligada à liturgia.

Entrevistado C: Conheço sim, inclusive a iniciativa de estudar de conhecer mais os documentos que dessem uma orientação da música litúrgica foi a partir de um convite para ministrar um curso de música litúrgica e assim era um desafio porque eu achava que eu sabia, mas quando agente vai mergulhando e buscando

percebemos que ainda se sabe pouco, e a partir daí comprei alguns documentos alguns livros que falam de música litúrgica.

Nessas respostas observa-se que os entrevistados já conhecem o documento, percebe-se que são músicos que procuram uma ampla formação, que procuram aprofundar seu papel no ministério a eles confiado, para alguns músicos ainda falta àquela busca de conhecimento do que se está fazendo, achando assim que já sabem de mais e que muitos desses nem conhecem os documentos da igreja sobre a música e por esse motivo acabam descaracterizando a celebração litúrgica.

A sexta questão procurou saber se eles tem clareza do que deve ser tocado ou cantado na Igreja: A música tem um papel fundamental na liturgia, porém atualmente há muitas dúvidas sobre o que deve ou não ser tocado/cantado na igreja. Para você o que deve ser feito?

Entrevistado A: Olha só tem um chamado aqui sobre a questão da inspiração, isto é, esses cantos que estamos cantando eles foram compostos por autores católicos, qual era a intenção, o compositor tinha uma intenção, a intenção era para animar um encontro e agente vai e coloca esse canto na missa, o compositor não tinha intenção de tornar esse canto litúrgico no sentido de ser cantado dentro da missa então agente tem que ter um bom senso e ter cuidado, canto litúrgico ou não ele precisa ser usado como um meio, um de instrumento para atingir a pessoa no sentido de torna-la mais orante. Temos que valorizar que é litúrgico e não só o que é bonito.

Entrevistado B: A formação adequada dos músicos chamados a este serviço é o melhor caminho para que dúvidas como essas sejam esclarecidas.

Entrevistado C: Eu acredito que com o que deve ser tocado também está relacionado ao conhecer o que a igreja sugere e não só isso, mas até o que ela direciona o que diz com clareza o que deve ser feito e qual o papel da música.

Nesse contexto a formação litúrgica será muito importante para compreender o que deve ser tocado ou cantado, pois se deve ter em mente que momentos de louvor,

encontros de catequese não são Missa, o músico com formação saberá diferenciar o contexto celebrativo.

A sétima questão é objetiva, que critérios usar para escola de cantos litúrgicos: Quais os critérios necessários que os agentes litúrgicos (músicos) devem tomar para uma escolha adequada dos cantos litúrgicos?

Entrevistado A: Bom, nesse caso antes de tudo precisa inserir tudo isso no processo formativo, a introdução geral do missal romano fala claramente dos critérios e daquilo que significa cada canto, alguns deles são ação e outros acompanham uma ação. Tudo passa do processo formativo, a formação é o ponto de partida para resolver.

Entrevistado B: Estar atento ao contexto próprio de cada liturgia, os textos que serão lidos e proclamados, às solenidades e festas religiosas, as antífonas de entrada e comunhão. Todos esses pontos facilitam a escolha de cantos apropriados.

Entrevistado C: Tem músicos que começam a servir sem ter esse conhecimento sobre o contexto da liturgia, de todos os momentos, dos tempos litúrgicos, das partes mesmo da missa, então isso dificulta que você faça com um pouco mais de conexão com a liturgia, se você não tem um conhecimento da missa facilmente vai errar a colocação das músicas, a escolha dos cantos é de acordo com as leituras, com as festas celebradas.

As respostas indicam que para as escolhas dos cantos litúrgicos na celebração Eucarística é preciso escolher a partir de cada tema de cada missa, a partir das leituras e para isso é formação.

A oitava pergunta sobre as margens de erros na celebração por falta de conhecimento litúrgico: Os grupos responsáveis pela escolha das músicas nem sempre tem formação para tal e que ao contrário de glorificar Nosso Senhor o ofende e entristece! Como podemos mudar essa situação que frequentemente está acontecendo na Igreja?

Entrevistado A: A Sacrosanctum concilium, a introdução geral do missal romano e mais aquele documento sobre a música, tudo o que você precisa saber sobre liturgia e sobre os cantos, temos um guia litúrgico pastoral você encontra na CNBB ali é um subsídio que você tem com a garantia que a igreja que publicou.

Entrevistado B: Saber cantar ou tocar um instrumento não é o suficiente para exercer tão importante serviço, o conhecimento é primordial, por esta razão continuo apostando na formação dos músicos católicos, como também no comprometimento individual para assim melhor entendermos nossa função.

Entrevistado C: Bom, eu acredito que a partir do momento que você começa a conscientizar as pessoas que devem ter mais formação, que deve procurar a pastoral litúrgica, a pastoral da música tudo muda. E que também as pastorais litúrgicas promovam encontros de formação para músicos. Tudo ficará da maneira que o Concílio pensou ao realizar a reforma litúrgica.

As respostas são claras, o que de fato precisa para melhorar toda a nossa celebração litúrgica eucarística é a formação litúrgico-musical dos nossos músicos, é a compreensão para aquilo que está sendo celebrado, é obedecer o que a Igreja pede, para assim chegarmos ao caminho principal que é o encontro definitivo com Deus.

Ao iniciar esse trabalho sobre o papel da música na celebração litúrgica tive dois depoimentos importantes de Irmãs Religiosas estrangeiras uma irmã Joice do País da Índia e a outra irmã Cândida de Portugal que se colocaram a disposição para dar uma contribuição para o meu trabalho.

Como é praticada a música litúrgica no seu país após do Concilio Vaticano II? Qual a mudança principal?

Ir. Joice (indiana): O uso da música litúrgica, na Índia, varia segundo os ritos.

Temos o rito Syro-Malabar, o rito mais antigo, presente desde 1ª século e a sua tradição antiga provém da Igreja de Síro-Palestina, porém, parte integrante da Igreja Católica Romana. Era rezado ou cantado em língua aramaica até o Concílio Vaticano II e depois em línguas vernáculas. A celebração da Liturgia, comparando com o rito latino, tem certa diferença seja na teologia que na estrutura. A Missa inicia lembrando da Última Ceia e toda a Liturgia é concentrada e dirigida para a vida Escatológica. Sendo assim, a maior parte da Missa é considerada como “partes próprias” da Missa e por isso não mudam as palavras embora existam três ou quatro melodias diferentes, contudo, em todas as Igrejas as cantam igual. Únicos cantos que variam e deixam a liberdade de escolher, segundo as ocasiões, são os cantos da Comunhão e o canto Final. Todo resto permanece imutável. E é cantado por toda a Assembléia. Não tem a exaltação e ou colocar em show ou em evidência o grupo dos cantores. Existem corais que animam, que tocam os instrumentos musicais, mas bem discreto e bem colocados em parte. Não fica, o coral, dirigido ao povo, mas junto com povo. Até crianças, todos cantam. Tem a facilidade de aprender também, pois são mesmas palavras, e quando chega uma nova melodia ensina em todas as Igrejas e todos aprendem a cantar. Até nas famílias, é comum cantar as melodias. As palavras são baseadas pelo Evento Histórico da Economia da Salvação: da morte e ressurreição de Jesus. São músicas teológicas. E as orações da Missa mesmo rezando, tem tom melódico. E uma única melodia para as orações. E o uso dos cantos litúrgicos no rito latino - presente em Índia a partir do século 16, com a chegada dos portugueses, é bastante parecido com tradição europeu. A senhora, há 12 anos que mora aqui no Brasil, qual seu ponto de vista a respeito da música litúrgica do nosso país, Brasil?

Ir. Joice (indiana): A primeira impressão que eu tive é que aqui a Liturgia é muito viva, o povo participa, é bem alegre. O Povo se expressa a sua fé não somente pela voz, mas pelo corpo. E por isso tem o ritmo do corpo e da alma. Uma coisa que não encontramos na nossa Liturgia indiana. Nós somos um povo que fica olhando somente para o altar e não para o povo. Ninguém dá bom dia entrando na Igreja. É silêncio absoluto e é considerado muito sagrado dentro da Igreja. Então a primeira coisa que eu notei é essa alegria e vida fraterna dentro da liturgia.

Embora é alegre, tem vezes que vem a saudade do silêncio, a saudade do sagrado. Não vejo muito apropriado os cantos como “litúrgicos”, quando mudam o sentido das

palavras especialmente os cantos “próprios” da Missa. Seria bom não mudasse e permanecesse fiel o “Glória”, o “Santo” etc. Seria bom voltasse mais ao Mistério de Cristo que celebramos que a vida do povo de Deus. A vida pode ser celebrada nas outras partes da Missa.

Em poucas palavras, a Liturgia e especialmente a música Litúrgica aqui no Brasil, tenho a impressão de, trazer mais a vida, a história e a cultura do povo que o mistério em si de Cristo e da sua Páscoa, e é o que diferencia também da música litúrgica romana.

Ir. Cândida (portuguesa): Como é praticada a música litúrgica no seu país após do Concílio Vaticano II? Qual a mudança principal?

Depois do Concílio Vaticano II a liturgia mudou muito, inclusive a música que antes saia da alma do povo, era mais sentimentais e penitentes, mas à partir do Concílio houve uma reviravolta muito grande, como por exemplo, não havia salmos responsoriais e desde então passou a fazer parte da Santa Missa, as músicas que eram muito populares e eram a base do povo passaram a ser todos cânticos bíblicos, tem sempre algo retirado da bíblia.

Ir. Cândida (portuguesa): A senhora, há 10 anos que mora aqui no Brasil, qual seu ponto de visto a respeito da música litúrgica do nosso país, Brasil?

A música litúrgica no Brasil difere muito entre estados, existem cantos muito belos, também muita criatividade, até quando incluem ritmos locais, como o sertanejo, mas na maioria das vezes a música canta nas Missas não acompanha o que a liturgia propõe, e acaba abafando a mensagem central que é a pessoa de Jesus Cristo, existe também muito ruído, muito barulho, muitos instrumentos e não se consegue entender o que se está cantando.

Esses são os diferentes olhares a respeito da música litúrgica pós Concílio Vaticano II em outros países e aqui no Brasil.

8. Considerações finais

Após a realização deste trabalho, constatei a importância da formação litúrgica musical para todos os músicos que ministram a música na Celebração Eucarística, pois o canto da Liturgia Eucarística não se pode de maneira alguma improvisar. É importante entender que a Liturgia cantada supõe uma compreensão teológica da Sagrada Liturgia. Para termos uma participação consciente, ativa, plena e eficaz, é preciso compreender bem o que significa participação na Liturgia. E a partir do sentido teológico da Liturgia e da participação ativa e orante, se compreenderá a função do canto na Liturgia ou a Liturgia cantada.

Desse entendimento se deduz a importância da música e do canto da Liturgia. Compreender-se-á que existem vários tipos de canto da Liturgia, que existe Tempos Litúrgicos, que existem festas comemorativas como de algum santo e festas Solenes, bem como vários graus de Missa cantada. Que o canto se caracteriza pelos mistérios celebrados da Liturgia e pelo lugar e a função do canto na tonalidade do rito celebrativo. Desse modo os ministérios de música, o grupo de cantores não cantará para a assembleia, mas com a assembleia, pois eles fazem parte da assembleia celebrante.

Surge, então, a consciência da necessidade da Pastoral litúrgica nas paróquias, particularmente do canto Litúrgico e da catequese, não somente dos que já exercem uma função na paróquia em relação ao canto, mas de todos os fiéis que vão participar da assembleia celebrante.

Só assim vamos superar o que está acontecendo hoje em muitas celebrações Eucarísticas, tirando a beleza do mistério celebrado e transformando-as muitas vezes em shows.

As presentes orientações visam oferecer aos agentes de liturgia em especial aos cantores pistas que favoreçam um entendimento litúrgico-musical, incentivada pelo Vaticano II.

Os frutos pastorais dos agentes litúrgicos e dos cantores que se esperam dependem do cuidado com que estas orientações forem introduzidas. Faz-se necessária uma adequada preparação para os cantores, observando-se diligentemente o discernimento litúrgico quanto a à sua oportunidade e convivência de acordo com a realidade local.

Evitar-se-ão os abusos, sempre possíveis, na medida em que formos os agente litúrgicos, cantores, ministros da música esclarecidos no que diz respeito a música litúrgica, fomentando positivamente a Liturgia em todas as suas expressões e favorecendo um canto para a glória de Deus e a santificação do povo de Deus.

Acredito que um dia, não distante, que todos os músicos e cantores possam ter essa formação e compreensão do mistério que eles celebram, pois ministramos um dos maiores tesouro que a Igreja tem de valor que é a Música.

Por fim sinto-me tranquila em passar por essa fase de uma simples pesquisa em busca em descrever e aprender do que a Igreja fala a respeito da Música Litúrgica em seus documentos e artigos, não foi um esforço invalido, mas algo que somará muito mais tarde na minha caminhada de Cristã.

Em fim “Cantar bem é rezar duas vezes bem”!

9. Referências

A Liturgia antes do Concílio Vaticano II. Disponível em:
www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concilio_Vaticano_II.pdf - Acesso em: Outubro de 2014.

Animação da vida Litúrgica no Brasil 17ª edição – 2002 Itaici-SP – Paulus.

BENKHÄUSER, Alberto. Cantar a Liturgia. 4ª edição – Petrópolis, RJ – Vozes, 2012.

CONSTITUIÇÃO SACROSANTUM CONCILIUM. **Sobre a Liturgia, do Concílio Vaticano II** (1963). Editora Vozes, Documentos Pontifícios n. 144, Petrópolis RJ, 1967.

DOCUMENTOS SOBRE A MÚSICA LITURGICA (1903 – 2003) – São Paulo: Paulus, 2005.

FONSECA, Joaquim. **Cantando a missa e o ofício divino**. Paulus, São Paulo, 2004.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. “**Instrução sobre a música na sagrada liturgia**”, in Musicam Sacram (MS), 1967.

BRASIL. **Sagrada liturgia – Oh glória, uma explicação**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sagradaliturgia/o-gloria-uma-explicacao>> Acesso em: abril de 2014.

BRASIL. **A Sagrada Liturgia – Pastoral de liturgia**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sagradaliturgia/pastoral-de-liturgia>> - Acesso em: Novembro de 2014

BRASIL. **Música Sacra na Reforma...** Disponível em: <https://arquiocesejuizdefora.org.br/artigos/?...musica_sacra_na_Reforma. Acesso em: Julho 2014